

SURYOYE

سوریه

SÃO PAULO - AGOSTO/2019

NESTA EDIÇÃO

| | |
|---|-----------|
| CRESCE UMA COMUNIDADE | 2 |
| CULTURA ORIENTAL: A SOPA DE "GHANDIRAT" | 5 |
| RITUALÍSTICA: JEJUM E ABSTINÊNCIA | 8 |
| ENSINAMEN- TOS DE NOSSOS MESTRES (A VINHA E O CEDRO) | 10 |
| TEXTOS EM ARAMAICO | 13 |

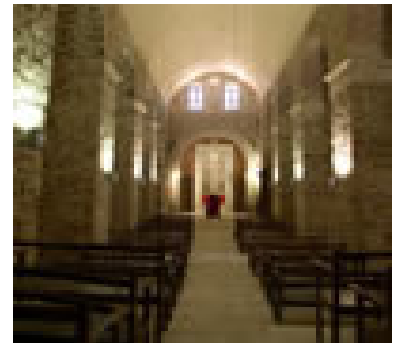
ORAÇÃO INICIAL

Vem ó Abraão

(to abrohom badeq lan ál ilôno)

Vem ó Abraão
informar-nos sobre a árvore,
e sobre o cordeiro:
sobre a árvore, quem a plantou?
e sobre o cordeiro, quem lhe deu a luz?
Não foi o homem quem plantou a árvore!
E nem da ovelha nasceu o cordeiro!
Não foi de sêmen
Que concebeu Maria ao Messias;
Porque Ele quis
E nela Se estabeleceu
E dela surgiu
E a ela selou.
Vamos a Lhe cantar:
Glória na comemoração de Sua Mãe
Aleluia,
Que sua oração esteja conosco!

[Oração sobre o milagre da Virgem Maria Mãe de Deus,
Tesouro da Igreja Siríaca de Antioquia - Imprensa Bar
Hebraeus. Holanda. 1995 d.C.).



Igreja Sirian Ortodoxa de São João (aíto demor yuhanon) em Qilith—Tur Abdin (atualmente - Turquia).

ܩܘܪܒܢܐ ܕܥܘܠܡܐ ܕܡܪܝܡ
ܘܡܝܪܝܢ ܕܥܘܠܡܐ ܕܡܪܝܡ
ܕܥܘܠܡܐ ܕܡܪܝܡ ܕܥܘܠܡܐ
(ܡܪܝܡ ܕܥܘܠܡܐ)

IGREJA SIRIACA ORTODOXA

Na Igreja Siríaca Ortodoxa de Santa Maria, Arcebispo Mor Severios oficia as missas em aramaico e português, aos Domingos às 11h00 na Rua Padre Mussa Tuma, 3, bairro Vila Clementino, São Paulo/SP.

Estamos à disposição para atender os fiéis, telefone (11) 5581-6250.

Suryoye é um órgão de divulgação interna da Igreja Siríaca Ortodoxa de Santa Maria.

Artigos - Peter Sowmy
Revisão- Aniss Sowmy

ESTAMOS NA WEB

WWW.IGREJASIRIANSANTAMARIA.ORG.BR

FACEBOOK: IGREJA SIRIAN ORTODOXA SANTA MARIA

CRESCER UMA COMUNIDADE

(4ª PARTE)

Enumeremos então os pontos que levaram a comunidade *Siriani* à depressão em que se encontra.

1. Opressão Religiosa. - Já vimos que um dos fatores para que a comunidade *Siriani* (ou siríaca) estivesse no ponto em que está é por causa da opressão religiosa islâmica; lembremos somente que o islão é uma filosofia de vida nômade enquanto que os *sirianis* já haviam constituído civilização cerca de 5 mil anos a.C. e portanto, desde aquela época tinham e propagavam uma filosofia de vida sedentária, um choque muito grande para o nômade¹.

2. Obstrução da passagem da cultura para as gerações futuras. - Uma conseqüência dessa obstrução foi a desconexão entre as práticas ritualísticas religiosas da Igreja e a origem pré-Cristã (se não pagã) da maioria das mesmas. Ainda que a *Igreja Siriani* reinterpretasse muitas práticas em função de sua fé, havia a origem do uso ritualístico pré-Cristão. Tomemos como exemplo o uso dos “Leques Musicais” (em aramaico: **maruahotho**); a reinterpretação da *Igreja Siriani*, de um ponto de vista cristão, ensina que “as **maruahotho** são as asas dos anjos celestiais que executam a música perante o Cristo Vivo”. Sabemos, no entanto, a origem pré-Cristã bem como o uso das mesmas; então, o que dizer doutras partes da ritualística? E outros conhecimentos pré-Cristãos? Podemos dizer que serão necessários pesquisadores e anos de pesquisa nos documentos históricos de outras igrejas de origem siríaca (assíria de leste, caldaica, siríaca católica romana, maronita, melquita) e talvez até pesquisas em comunidades não cristãs que descendem ou foram influenciadas pela cultura assíria pagã, como a *mandaica* (em aramaico: **madaôie**) e a *yezidi* (em aramaico: **yazidoie**)³.

3. Folclore. - O exemplo da comunidade **yazidoito** ou dos *yezidis*, traz à nossa vista, o problema da cultura folclórica. Verificamos que por séculos, não houve pesquisa sobre esse tema, exceto, novamente, pelo professor Abrohom Gabriel Sowmy que cita diversas ações folclóricas do povo *siriani*. Podemos citar alguns dos exemplos que ele traz em sua coletânea “*Mardutho DSuryoye - A Cultura do Povo Assírio-Arameo*”; além da crença dos *yezidis* no “**malek Tauzs**”. Outra crendice que ele citava também, era a que aparecia até meados do século XX em Tur-Abdin, quando as moças *sirianis* não se casavam em junho (em aramaico esse mês se chama: **heziron**); também as paródias que o povo *siriani* fazia sobre a vida do sacerdote, usando as músicas sacras; Prof. Sowmy cita explicitamente o autor da melodia musical sacra utilizada: Xemún Qūqoio – (ou como os ocidentais querem: Shem’un Quqoyo), talvez desde o século VIII até o Sayfo⁴. Dessa forma, por qualquer que fosse a razão, os *sirianis* não valorizaram a cultura folclórica, tal como vimos os judeus fazerem com o intuito de valorizar a cultura deles. Essa situação de não valorização da cultura *siriani* fica mais grave na medida em que o povo se distancia de sua origem conforme o passar do tempo e também na medida em que se distancia espacialmente de seu centro cultural qual seja: o Patriarcado Siríaco de Antioquia.

4. Valorização das Famílias Locais. - Ainda transitando entre os valores sacros e laicos, a sociedade *siriani* não valorizou as famílias *sirianis* locais, dessa maneira, independentemente de cada família valorizar seus antepassados imediatos, promovendo missas “in memoriam”, os *sirianis*, como sociedade, nunca divulgaram algo histórico sobre os antepassados⁵, diferentemente dos judeus que o fizeram. Assim, temos famílias que crêem que seus antepassados de uma ou duas gerações atrás fossem oriundos de uma cidade na Síria quando na verdade, somente passaram alguns anos naquela cidade porém, originariamente eles haviam saído da região de Tur-Abdin, conforme atestaram alguns autores, com livros embaçados em experiências próprias ou documentais. O problema que aqui surge é que à medida que o tempo passa, as gerações mais novas desconhecem suas origens reais e passam a adotar o que quer que se lhes conte, tal como o caso do Rabino Sobel e seu discurso dos novos cristãos⁶.

5. Permeabilidade Cultural no meio Político. - Além desses pontos, existe ainda um importante que é o da permeabilidade no meio político. Os políticos de origem na cultura judaica que foram eleitos ou mesmo os candidatos não eleitos tinham dois intuitos básicos: as boas práticas para o desenvolvimento nacional brasileiro e a divulgação da cultura judaica como base para o desenvolvimento nacional brasileiro.

CRESCER UMA COMUNIDADE (CONTINUAÇÃO)

Não consta entre os sirianis nascidos no Brasil, algum político que houvesse praticado algo parecido.

6. Valorização da PexiTa. - Entre os diversos pontos abordados no 1º artigo desta série “Cresce uma Comunidade”, está um interessante. A revalorização da Torá (Antigo Testamento da Bíblia). Ocorre que historicamente, não havia nenhum Antigo Testamento em idioma hebraico, anterior ao século X do cristianismo usado nas sinagogas e, mesmo assim, acreditam os historiadores que essas cópias são na verdade re-traduições feitas no século X; re-traduições essas a partir do Antigo Testamento em grego ou até mesmo do aramaico ao hebraico. No início do século XX, perto do Mar Morto, foram descobertos alguns pergaminhos enrolados dentro de vasos de barro e cuja datação colocava sua origem entre o século III a.C. até o século I d.C. com alguns livros do Antigo Testamento, todos em aramaico. No entanto, os judeus divulgaram a idéia de que possuem o Antigo Testamento escrito em hebraico antigo. Em contrapartida, a comunidade *sirianí* possui uma das mais antigas versões da Bíblia, sendo que o Antigo Testamento nessa versão é um “*Targum*”; que é o nome que os judeus dão às traduções do Antigo Testamento, do hebraico ao aramaico, por volta do século VI a.C. e séculos subseqüentes, enquanto estavam exilados na Mesopotâmia (conhecido como Exílio da Babilônia) e até, talvez, um século ou um século e meio antes de Cristo. Então, enquanto os judeus valorizaram algo que realmente não mais possuíam, os *sirianis* não valorizaram algo real que tinham; ou melhor, que até hoje possuem e isso entre os *sirianis* e os não *sirianis*⁶.

Até aqui, vimos somente os pontos de teor cultural. Enquanto os judeus criaram oportunidades de valorização de sua cultura e a promoveram, os *sirianis* somente sofreram por perseguições culturais (as religiosas são de ordem cultural) e por negligências próprias. Sabemos no entanto que somente a cultura não estabiliza e nem produz sucesso visível e duradouro num povo. Então temos que analisar outro aspecto: o social.

Quem estudou os périplos dos judeus pelo mundo, poderá dividi-los em algumas fases:

- 1) perseguições em Israel de antigamente (corresponde a Israel atual) e migrações redundando em povo disperso pelo mundo.
- 2) reagrupamentos em países economicamente estratégicos durante cada fase do ciclo econômico desses países.
- 3) reagrupamentos em países dominados economicamente por países fortes que estavam no auge da fase de cada ciclo econômico.
- 4) possível êxodo (às vezes, até expulsão) quando o país forte caía em desgraça.
- 5) se o povo do local onde estavam desfrutando de benesses permitia, retornariam a esse local e re-fundariam as sociedades lá.

Isso tudo realmente ocorreu entre 69 d.C. e 1.897, ano em que ocorreu o 1º Congresso Zionista Internacional. Foi nesse congresso que seu fundador, Theodore Herzl, organizou a sociedade judaica com o intuito de promover o bem estar dos judeus, talvez no mundo.

As decisões que foram aprovadas nesse congresso eram decisões sociais para o povo de uma determinada cultura, a judaica. São importantes as seguintes decisões:

- a) Organização de sociedades para compra de terras onde judeus pobres iriam trabalhar e produzir o seu próprio sustento,
- b) Organização de sociedades que iriam cuidar do desenvolvimento cultural dos judeus pobres que estavam trabalhando nas terras compradas por outras associações, conforme item (a) logo acima [a idéia era a de homogeneizar e massificar o conhecimento da cultura judaica entre as famílias dos judeus pobres pois esses formavam a maioria e naquela época eram “vazios de cultura”].
- c) Após alguns anos de trabalho e quando cada sociedade conseguisse se auto-sustentar, a organização inicial (i.e. a associação que comprara a terra) cederia “gratuitamente” a terra para essa nova sociedade que se formara.

CRESCER UMA COMUNIDADE (CONTINUAÇÃO)

Colocamos entre aspas a gratuidade ainda que na verdade, havia três condições básicas que são os itens a seguir:

d) As terras eram inegociáveis, os proprietários deveriam pertencer à sociedade dos trabalhadores e somente quem lá morasse poderia ser dono, ou seja, se alguém muito rico quisesse comprar sozinho toda a gleba de terra de uma sociedade, ele não poderia, ele teria o mesmo percentual que os outros tinham e mais, somente se ele residisse na própria terra;

e) todas as sociedades de trabalhadores deveriam sustentar o ensino das tradições e cultura judaica aos novatos e nascidos na terra deles ou na gleba que eles estavam trabalhando, conforme item (a) acima.

f) Cada organização de trabalhadores “pobres” quando se tornasse auto-sustentável deveria suportar outros trabalhadores que a ela viessem ou, se ninguém mais viesse, deveria colaborar no sustento de outra sociedade que se organizaria para absorver mais trabalhadores “pobres” e esta, por sua vez, deveria seguir o mesmo modelamento da(s) sociedade(s) que a sustentava(m).

Entre 1600 e 1880, diversos judeus enriqueceram no Continente Europeu ou no Continente Americano contudo não conseguiram reforçar a situação da comunidade judaica, fosse ela na Europa ou na América, assim, se olharmos a história das nações européias, veremos a família Rothchild que se expandiu na Alemanha e depois na França ou as famílias Montefiore e Montagu na Inglaterra, só para citar três exemplos e essas famílias, apesar de sua riqueza, nada conseguiram em prol da comunidade judaica como um todo. Observe que cada um, como indivíduo promoveu parcialmente a comunidade judaica local, porém, nunca a comunidade judaica como um todo, em nível internacional. Quando Herzl organizou as sociedades com as bases acima, os donativos generosos dos Rothchild e dos Montefiores, entre os muitos outros ricos e até mesmo dos “remediados”, isto é bem menos ricos, foram canalizados para essas sociedades que acabaram obtendo um território onde os judeus poderiam exercer suas práticas culturais diferenciadas.

Na verdade, o que Herzl fez foi criar redes de amparo social, com base nos ideais propagados na época e que redundassem em valorização cultural. Não desdenhou a riqueza; não trocou a riqueza pela miséria; soube canalizar a riqueza para auxílio dos pobres de tal forma que estes por sua vez, saíssem da pobreza e ao ascenderem na escala sócio-econômica também auxiliassem outros que viessem depois deles. Como jornalista, ele não tirou essas idéias da cultura judaica, apenas aplicou as diversas idéias engendradas na Europa (que era cristã), a partir do Iluminismo e da Revolução Francesa.

E os *sirianis*? O que fizeram?

(continua no próximo número)

Explicações:

¹ Coletânea de Suryoye sobre Cultura Oriental, in: www.igrejasiriansantamaria.org.br/jornal.

² Professor Abrohom Gabriel Sowmy em sua série “Mardutho dSuryoye- A cultura do povo Assírio-Arameo” faz algumas considerações sobre a cultura **Yezidoito** (ou dos “Yezidis”).

³ Sayfo é o nome que os sirianis dão ao Genocídio perpetrado pelo governo Otomano (turco) contra os sirianis em Tur Abdin e Tur Hakkari, NE e NO da Mesopotâmia (Turquia) entre 1915 e 1918 tendo suas prolongações até 1923 e nalgumas regiões até 1925.

⁴ Em 2018, a comunidade *siriani*, através da Igreja São João, pela primeira vez fez uma divulgação de fôlego sobre a própria comunidade no Brasil, em especial, em São Paulo; trata-se do livro denominado: **Igreja Siríaca Ortodoxa São João Batista – Jubileu de Diamante: 1958-2018**, que descreve, basicamente, a fundação, construção e consagração da Igreja São João. Extra-oficialmente, o professor e diácono Anis Sowmy, enquanto redator de artigos e editoriais de *Suryoye*, entre os anos 1995 e 2000, já pensando nesse problema da perda da história da comunidade em São Paulo / Brasil, publicou algumas entrevistas e biografias dos fundadores da Igreja Santa Maria bem como de outros professores importantes para a comunidade *siriani* no Brasil. Essas publicações foram a base para a consecução do livro em pauta.

⁵ Cresce uma Comunidade in: *Suryoye* nr 94

⁶ **Weitzman, M.P.**, *The Syriac Version of the Old Testament: An Introduction*. New York. USA. Cambridge University Press 2005.

CULTURA ORIENTAL - A SOPA DE “GHANDIRAT”

Minha mãe costumava fazer essa sopa no inverno. Eu mesmo já nem me lembrava mais, porém, em setembro, aqui em São Paulo, tivemos alguns dias de frio intenso e passei por meu irmão ao final da tarde e, quando anoiteceu, convidou-me a tomar um prato de sopa (era um desses dias frios). Sua esposa me disse que fizera uma sopa de “*ghandirat*”. Ela havia terminado de fazer a sopa por volta das 17 horas, contudo, esse era um daqueles pratos que é servido ainda quente com “descanso” de uma a duas horas. O “descanso” ocorria porque a sopa ficava na própria panela, com o fogo apagado, e esse tempo, é a cozinheira quem define.

Nunca me preocupara com esse detalhe pois, quando minha mãe o servia, geralmente era na hora do almoço, nos domingos de baixa temperatura, após retornarmos da Igreja, ou na hora do jantar (nos dias de inverno) e as conversas não eram a respeito dos pratos servidos; ouvíamos meu pai e seus amigos falarem de política internacional, de igreja, de casos que ocorreram na “Terra” 40 ou 50 anos antes etc. A “Terra” no caso, era no Oriente Médio.

Como estou interessado na Cultura do Oriente Médio, perguntei a meu irmão como a sua esposa preparava essa sopa já que a palavra “*ghandirat*” chamou minha atenção.

Explico.

Muitos pensam ser essa sopa de origem turca e outros ainda, kurmanjie (tribo dos curdos) e há ainda os que defendem ser ela de origem árabe. Claro que desconsidere o caso de ser árabe, pois, como expliquei noutras vezes, os árabes originais, isto é, os beduínos do deserto, não preparam sopa alguma pois precisariam de utensílios apropriados para prepará-la bem como para consumi-la e tais utensílios são raridade no deserto visto que pesariam muito (cada usuário precisaria no mínimo de um prato fundo e uma colher de sopa e assim, um marido com suas 2 esposas e 6 filhos cada uma precisaria levar algo como 5 ou 6 quilogramas ou se pensarmos em diminuir o peso, no mínimo uma tigela e tomaria somente o líquido e o que fazer com os outros dois importantes ingredientes, os grãos-de-bico e as bolotas de quibe? (são esses dois ingredientes os que dão sustento a quem os toma). Aí seria necessária uma colher de sopa ou um garfo e neste último caso, ainda na condição de “ficar caçando” cada grão-de-bico. Então, logo descarto a hipótese da origem árabe.

Para quem não sabe, essa sopa é composta por grãos-de-bico e bolinhas de trigo como se fossem pequenos quibes esféricos, vazios (sem recheio) porém compactos e que são cozidos com bastante água na qual se colocam os devidos temperos como sal, pimenta e às vezes, sementes de coriandro, conhecidas no oriente como “*kuzbarat*” que são esmagadas e dão um sabor especial à sopa, porém, muitos não apreciam esse último condimento, assim, hoje é comum ver pessoas que o deixam de fora (não dou mais detalhes do preparo do prato pois não é aula de culinária e nem sei dosar as quantidades).

Como a alimentação faz parte da cultura de um povo, trabalhei um pouco para tentar verificar a origem desse prato, dessa sopa.

A solução veio pela lingüística e pela história.

Tal como em estudos anteriores, o que primeiro chama a atenção é que o nome do prato, no Oriente Médio, não é dado em função dos elementos, é pelo processo; assim, por exemplo, no caso do quibe, já sabemos que é pela maneira como é “fabricado” e não porque é feito de trigo ou carne ou sal e outros temperos. Por isso, primeiro verificamos como são os nomes dos elementos que compõe essa sopa, segundo os idiomas “modernos” acima citados. Grão-de-bico é *homus* em árabe, *miritchkan* em kurmanjie e *nohut* em turco; coriandro é *kuzbarat* em árabe, *kore* em kurmanjie e *kichnich* em turco; por outro lado, sabemos que a origem do quibe é da área dos assírios; o grão-de-bico, na antiguidade era conhecido em assírio e aramaico como *hims* e no assírio-aramaico que se fala atualmente pelos assírios é *hemse qaróne* que significa “*grãos-de-bico calvos*”; faltava olhar as sementes de coriandro. Tais sementes são conhecidas em árabe como “*kuzbarat*”, porém, não há nos desertos; são plantadas nos campos da Síria, Israel, Iraque e nas montanhas do nordeste e noroeste da Mesopotâmia (atualmente na Turquia). Assim, só se a cultura

Palavras da Bíblia

Porque tuas são ó Senhor Deus, a grandeza e o poder e glória e a graça e a honra e o respeito,

Porque **Tu** governas o céu e a terra;

Teus são ó Senhor Deus a realeza e o poder e o conhecimento..

Livro das Crônicas - capítulo 29º

Significado de Nome

Gerson foi o nome que Levi, deu a seu primogênito. Gerson não é um nome de origem fenícia (cananaica / hebraica), é um nome composto de origem sumero-assíria que passou ao hebraico no Antigo Testamento e chegou ao cristianismo, em especial, o ocidental (não constatamos este nome nas Igrejas Cristãs Orientais ainda que usual no continente europeu e americano).

Gerson aparece no *Targum* aramaico e é lido como se estivesse escrito em português: “guerchon”. É composto por duas palavras: **gerax** (leia: guerach) e **on**. **gerax** é idioma assírio e significa: estrangeiro. Já **on** é idioma sumeriano e significa: líder, príncipe. Assim, **Gerson** significa “príncipe estrangeiro”. Não sabemos em que momento da vida de Levi nasceram seus filhos; no entanto é bem provável que já não estivesse na Mesopotâmia ou talvez, a caminho do Egito e então, entendemos porque seu primogênito seria um “estrangeiro”; por outro lado, sendo filho primogênito do chefe de uma tribo, com certeza seria o líder da tribo, no futuro.

Leitura recomendada:

1º Livro de Crônicas – capítulo 1º

Ajude a Igreja Santa Maria a realizar as obras caritativas

Faça um donativo. Qualquer valor será bem vindo,

Conta Bancária conforme segue:

Nome: Igreja Sirian Ortodoxa Santa Maria

Banco: Santander

Agência: 2174

Conta Corrente: 130002129

CULTURA ORIENTAL – A SOPA DE “GHANDIRAT” (CONTINUAÇÃO)

da *kuzbarat* fosse anterior à invasão e tomada de poder pelos beduínos no Oriente. Pesquiso nos dicionários e enciclopédias e deparo-me com o fato que os acadianos já conheciam esse tempero, quase 2.000 anos antes de Cristo como *kisibiru* e entrou na Babilônia como *kusibarah* e no aramaico-assírio de Tur Abdin, do Norte da Mesopotâmia, como *kusbarto*, nome encontrado também nos dicionários de aramaico clássico de Edessa (siríaco).

Até aqui, pesquisamos e descobrimos como não é conhecida essa sopa; ou seja, não é conhecida pelo nome dos ingredientes. Já sabemos que todos os ingredientes eram conhecidos pelos acadianos (assírios) e pelos seus descendentes, os *sirianis* (que falam o siríaco ou aramaico) e isso, antes de Cristo.

A palavra “*ghandirat*” realmente é que deveria definir a origem do prato (minha cunhada e até minha mãe tratava essa sopa por um nome misto: árabe e não árabe). Minha mãe, assim como todas as mulheres que vieram do Oriente chamavam-na de “*i maraqa dēghandirat*” (em assírio aramaico a vogal “i” é em português o artigo definido feminino “a” – observemos que a vogal com trema “ë” só é colocada para facilitar a pronúncia aqui no Brasil, ela não existe de fato; além disso, *maraga* é árabe). Minha cunhada, de uma geração mais nova que minha mãe chama tal sopa de: “*maraqat ghandirat*”

Maraqat, é árabe e significa “líquido” e por extensão: sopa. Os sirianis de Mardin e cercanias, após a transferência do Patriarcado Siríaco de Antioquia da cidade de Militene (Malatia) para Mardin, no século XIV, passaram a usar mais palavras em árabe e, talvez, por isso, usavam a palavra *maraga* para denominar qualquer sopa. O problema é que “*ghandirat*” não é árabe. Se fosse árabe, o mais próximo, em árabe clássico, seria o verbo “*gandara*” (na Síria e Iraque pronunciam “*djándara*”); que significa “deformar”.

Voltando ao aramaico, o siríaco de Edessa, os dicionários nos dão: “*gandurto*” que significa: “esfera, globo, bola, coisa que rola”. O plural é *gandurot* na forma abreviada da palavra e *ganduroto* na forma extensa; já os falantes de aramaico-assírio de Tur Abdin (popularmente conhecido como Turoyo) chamam a esfera ou algo que rola de “*gandirto*” e o plural é “*gandiroto*”. Sabemos também que a letra “g” pode ser pronunciada “gh”, quando é antecedida por uma consoante e entre elas não há vogal (exemplo: *gavro* = homem; *dghavro* = do homem). Muito próximo! Os assírios da Planície de Nínive dizem “*ghandirta*” e “*ghandirata*”. Parece que “matamos a charada”! O grão-de-bico é, por natureza, esférico e o quibe utilizado não é o oblongo e nem o disco, é um especial esférico. Nos mosteiros de Tur Abdin e outros da Mesopotâmia, o nome do prato é “*zumo dēghandirotho*” (ou na pronúncia da Planície de Nínive: “*zuma dēghandiratha*”).

Podemos então, afirmar, sem dúvida que essa “*sopa de ghandirat*” teve sua origem com os cozinheiros da Mesopotâmia e por milênios andou pelo Oriente Médio, pela Síria, Líbano, Iraque, Israel até chegar à nossa época.

Disse Cristo:

Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles.

Evangelho de S. Mateus — capítulo 18 °

RITUALÍSTICA – JEJUM E ABSTINÊNCIA

CRISTIANISMO: O IPCC E O SER HUMANO

No final de julho deste ano de 2019, um comitê da Organização das Nações Unidas, formado por quatro grupos de trabalho, realizou o Painel Intergovernamental de Mudança Climática (sigla em inglês é IPCC). Esse grupo estuda as consequências que estão ocorrendo na Terra devido a fatores físicos, humanos e ambientais e a tendência do que irá acontecer se a humanidade continuar no caminho que está trilhando (são os grupos I, II e III) bem como propõe algumas soluções (esse é o grupo TFI). Claro que tudo veio num relatório e neste ano, o relatório foi de 1200 páginas consequência da reunião dos emissários dos 195 países que participaram.

As grandes conclusões foram:

- 1) Já existe muita gente na Terra, hoje são quase 7 bilhões de pessoas e a continuar assim, em 2030 serão 9 bilhões.
- 2) É preciso mudar a forma de utilizar a terra (diminuir drasticamente o uso de defensivos, eliminar as queimadas e desmatamentos etc)
- 3) É preciso que o ser humano mude sua dieta alimentar com menos proteínas animais, pois, os animais aumentam a produção de gás metano que aumenta o “efeito estufa” e aumenta a temperatura ambiente.

Logo surge a questão: como o cristianismo se relaciona com essas conclusões?

Vamos analisar rapidamente as relações e verificarmos se realmente há relações entre o Cristianismo e essas conclusões.

Ao estudarmos a forma de viver do cristão (e aqui estamos tomando por base o Cristianismo Sirian Ortodoxo de Antioquia – de maneira geral isso poderia ser estendido a todo o Cristianismo propagado nos quatro ou cinco séculos iniciais do Cristianismo) veremos que o Cristianismo já propagava essas idéias e tem propostas que são as soluções que o mundo moderno está desesperado por achar. Diga-se ainda, de passagem, que o mundo moderno tenta achar a solução de modo impessoal através de tecnologias que não levam em conta o ser humano em sua total potencialidade (física e espiritual).

O Cristianismo Oriental, que nos é ensinado pela Igreja Siríaca de Antioquia, leva em conta que não existe solução impessoal; não existe solução em que o ser humano não interfere consciente e espiritualmente.

Passemos à análise das conclusões 1 e 3 primeiramente. Em verdade, as conclusões são apenas aberturas para questões. Na conclusão 1ª, a questão é: “há muita gente sobre a Terra e muitos estão morrendo por causa da fome e daqui a 10 anos, a situação deverá agravar-se ainda mais pois haverá algo como 9 bilhões de pessoas para serem alimentadas. Qual a solução? Essa pergunta, o mundo ocidental já a previa há mais de 200 anos e um clérigo da Igreja Anglicana e economista famoso, Thomas Robert Malthus, propôs em um estudo seu que não havia solução para o problema do aumento da população ser exponencial enquanto que o aumento de alimentos é linear; ainda que momentaneamente, em função de tecnologia, pudesse haver um pico no aumento da produção de alimentos e uma redução no número de nascimentos (como casos de guerras e epidemias) porém, passado(s) esse(s) momento(s), restabelecer-se-ia a relação. Após muitas edições de seu livro mais famoso e no qual os estudiosos percebem a sua (do autor) “evolução”, podemos dizer que a idéia que ele transmite, pode ser resumida em um único pensamento: “não há como senão deixar que os menos favorecidos morram”. Observemos que já passamos pela era do aumento de produção via defensivos agrícolas (venenos biológicos aplicados externamente como a pulverização das plantações e internamente como a mutação genética das plantas) e também pelo uso de fertilizantes bem como pelos sistemas contraceptivos.

Qual solução nos deu o Cristianismo de Antioquia?

De imediato, podemos dizer que por motivos “religiosos” o Cristianismo de Antioquia se organizou logo no primeiro século depois de Cristo e nos propôs o jejum. Como já abordamos anteriormente, o jejum consta na interrupção de uma ou mais refeições que o fiel faz durante o dia por determinado período que no me-

RITUALÍSTICA - JEJUM E ABSTINÊNCIA (CONTINUAÇÃO)

nor dos casos é de um dia e no mais amplo, 47 dias. No menor caso, citamos toda quarta-feira e toda sexta-feira, durante o ano todo, exceto entre a Ressurreição de Cristo (Páscoa) e Pentecostes. O maior caso é da Quaresma seguida por toda a Semana Santa, quebrando o fiel, o jejum após a Missa Matinal e Solene da Páscoa.

O jejum ocorrerá do nascer do sol até o seu poente (aproximadamente às 6 horas da manhã até às 6 horas da tarde, no Oriente Médio, onde Jesus viveu e onde a Igreja Siríaca de Antioquia tem sua sede).

Ora, dirão muitos, os judeus, os muçulmanos, os budistas e muitos outros também jejuaram ou jejuam até hoje. A grande diferença é que o jejum de todos eles é um mandamento que seu deus deu para que o indivíduo tenha algum benefício próprio. No caso da Igreja Siríaca de Antioquia, recorremos ao ensinamento de **mor Afrem** (Santo Efrem, o Siríaco, segundo a Igreja Católica Romana). Diz ele:

*“faze o jejum dos 40 dias
e dá teu pão àquele que tem fome...”*

ou seja, o benefício deixou de ser próprio para ser de outrem ou talvez, até duma sociedade.

Santo Êfrem, o Siríaco, viveu no século IV (306 a 373 d.C.) na Mesopotâmia, na atual Turquia. Um grande exemplo que temos é da Comunidade Siríaca Ortodoxa de Antioquia radicada nos Estados Unidos da América do Norte, quando, logo após os primeiros 4 anos do Saifo (1915-1918) todos os que podiam, jejuaram durante o dia, isto é; deixaram de fazer a refeição do almoço incentivados pelos sacerdotes que pregavam o preceito religioso e doaram o valor dessa refeição à Igreja para que ela construísse um orfanato-escola em Adana, uma grande cidade na Turquia de 1919. A Igreja Siríaca Ortodoxa de Antioquia, somente com essa arrecadação, conseguiu construir um orfanato-escola (o nome era: Orfanato Assírio de Adana) que abrigou mais de 300 alunos e alunas e que lá funcionou por 3 anos antes que o governo turco decretasse seu fechamento obrigatório.

Há que se mencionar ainda que durante os dias de jejum, o fiel deve também abster-se da ingestão de proteínas animais (produtos derivados de animais como leite, coalhada, queijos, ovos, gorduras, carnes).

Com essa recomendação da Igreja Siríaca de Antioquia, resolvemos, parcialmente a 1ª questão e totalmente a 3ª. Observemos que: se apenas 20% da população mundial, ou seja, 1,4 bilhões de pessoas observassem o jejum e deixassem de consumir o almoço durante 100 dias do ano, teríamos uma sobra de 56 milhões de toneladas de alimentos sem proteína animal para ser distribuída entre os menos favorecidos. Se considerarmos que o consumo médio é de 300 gramas de alimentos com proteínas animais e que não seriam consumidos pelos mesmos 100 dias por essas 1,4 bilhões de pessoas, teríamos ainda outra sobra de alimentos com proteína animal da ordem de 42 milhões de toneladas o que juntando com o de cima, teríamos um total de 98 milhões de toneladas de alimento para ser distribuído pelos mais necessitados.

Cálculo interessante:

Uma boa alimentação, no mundo ocidental (continente europeu e americano), considera que um ser humano ingere, em média, 400 g (0,4 kg) de alimentos por refeição, então, no caso acima teríamos: 1,4 bilhões de pessoas x 0,4 kg de alimentos x 100 dias = 56.000.000 tons.

Palavras da Bíblia

Agora pois, despojai-vos também de tudo isso: ira, cólera, maledicência, palavras torpes.

E não mintais uns aos outros mas dispai ao velho homem com todos seus feitos e vistai ao novo, que se renova com o conhecimento, segundo seu criador;

Onde não há judeu ou pagão, nem circuncisão ou incircuncisão, nem grego ou bárbaro, nem servo ou livre; mas tudo e por todos é Cristo. .

Carta de São Paulo aos Colossenses - capítulo 3º

E ensinamentos de Nossos Mestres

Discutiu a parreira com o cedro, orgulhosamente:

Sou eu quem dá vinho, que alegra o coração dos homens,

Não vive quem não tem vinho e nem (há) prazeres aos ricos.

Porque os reis exultam com meu produto e a tristeza é derrubada.

Os governantes se deliciam com meus colares e as crianças rejubilam com meus cachos.

Mínhas folhas são terapia e meus ramos (são) de tudo doces

O empregado se faz meu escravo e me limpa e me serve.

Em cada casa que o vinho entrou não (mais) há lugar para a doença;

Nos palácios que habita, graças a ele não permanecerá tristeza

Nas canções é exaltado o vinho e para longe se propaga.

Com ouro e prata se adquire e com nada é trocado;

No Cálice Sagrado é dividido e com os sacrifícios é oferecido.

Pequeno ou grande me ama e quem a mim se iguala?

[Carta de David bar Paulos - sec. VIII in Butts, Aron M, *A Syriac Dialogue Poem between the Vine and Cedar*]

NOTÍCIAS DA COMUNIDADE

- **Encontro Diaconal** – em 25 de agosto, S. Emca. Mor Severios Malki, deu início ao Encontro Diaconal em São Paulo, na Igreja Santa Maria. A finalidade do Encontro é a homogeneização do saber que S. Emca Mor Severios deseja que todos os diáconos tenham. Foi de inestimável auxílio o Reverendo Padre Gabriel Abdelahad, da Igreja São João. Participaram desse 1º Encontro mais de 20 diáconos das igrejas Santa Maria e São João. O 1º Encontro Diaconal iniciou pela Oração Senhoral (“Pai Nosso”), conforme Nosso Senhor Jesus Cristo ensinou e S. Mateus registrou em seu Evangelho. Arcebispo Mor Severios deu ênfase à forma registrada no Evangelho de S. Mateus e que é necessário que seja explicitada a fórmula que encerra essa oração (“pois Teu é o Reino e o Poder e a Glória para sempre. Amém”) visto ser essa a forma que a Igreja Sirian Ortodoxa de Antioquia utiliza em aramaico (que era o idioma de Cristo). Em seguida, S. Emca. explicou uma leitura Evangélica extraída do Lecionário da Igreja Sirian Ortodoxa de Antioquia e todos finalizaram com o treino de uma oração cantada em idioma siríaco (aramaico) por todos os presentes. Foi também decidido que haveria um “Grupo de Contato” onde todos os diáconos presentes estariam registrados para receberem as mensagens pertinentes. Dois dias depois, houve adesão ao “Grupo de Contato” por muitos outros diáconos que estavam dispersos por São Paulo e estes, por sua vez, comprometeram-se a estar presentes ao próximo Encontro Diaconal que ocorrerá na Igreja São João.

- **Arcebispo Copta** – em 27 de agosto, visitou a Igreja Santa Maria, S. Emca. Anba Aghason, Arcebispo da Igreja Copta Ortodoxa no Brasil. S. Emca., acompanhado pelo Reverendo Pe. Mikhail, foi recebido por S. Emca. Mor Severios Malki, Arcebispo da Igreja Sirian Ortodoxa no Brasil e pelo diácono Peter Sowmy, diretor cultural da Diretoria Executiva da Igreja Santa Maria. O encontro inicial deu-se no interior da Igreja onde os prelados, acompanhados pelos presentes, efetuaram breves orações. Em seguida, dirigiram-se à Casa Paroquial, atual residência do Arcebispo Mor Severios onde foram discutidos diversos assuntos de interesse de ambas Igrejas no Brasil. S. Emca. Anba Aghason dedicou um lindo crucifixo entalhado em madeira a S.Emca. Mor Severios. Por volta das onze horas, após mais de duas horas, o encontro se encerrou, quando S. Emca. Anba Aghason e Pe. Mikhail se retiraram.

- **Visita de Professor de História** – em 28 de agosto, visitou a Igreja Santa Maria, Professor Alfredo Cruz acompanhado pelos Srs. Guilherme Welte e Leandro Cesar, para se informarem em detalhes sobre a Igreja Siríaca de Antioquia. Professor Alfredo Cruz é formado em História pela UFRJ com especialização na história do cristianismo no Egito (Igreja Copta de Alexandria) e atualmente profere palestras sobre o cristianismo da África; já Srs. Welte e Cesar são graduandos em Ortodoxia Bizantina e Ortodoxia Eslava. Neste dia, por alguns imprevistos no trajeto deles, Arcebispo Mor Severios Malki que os queria receber, não pode pois estava de viagem marcada a Campo Grande / MS. Na ocasião, o editor desse informe acompanhou a visita e deu-lhes diversas explicações sobre a atualidade da Igreja Sirian Ortodoxa de Antioquia, sua relação com a Igreja Copta e as demais Igrejas Basílicas. Também respondeu a algumas perguntas sobre a Igreja Santa Maria e a Igreja São João. Finalmente, mostrou-lhes a futura biblioteca com seus diversos manuscritos em aramaico (siríaco) bem como outras obras em diversos idiomas sobre os *sirianis* pelo mundo. Como os visitantes tivessem horário pré-fixado para viajar, agradeceram à atenção e acolhida e partiram de volta ao Rio de Janeiro.

FESTIVIDADES DO 5º BIMESTRE

Destacamos a seguir algumas festividades religiosas que marcam o cristianismo sendo que algumas, a nossa Igreja Siríaca de Antioquia lhas dá ênfase maior que as co-irmãs Igrejas do Ocidente. Em geral, acompanham-nos nessa ênfase a Igreja Copta (Egito), a Igreja Abexim (Etiópia) e a Igreja Armênia pois, a Igreja Copta e a Siríaca sempre compartilharam os mesmos princípios e dogmas; já a Igreja Abexim é fruto da pregação Copta e a Igreja Armênia, o é da Igreja Siríaca.

Em nosso Calendário, temos as comemorações de diversos santos, em especial os seguintes eventos que se destacam:

Setembro

| Dia | Comemoração |
|-----|--|
| 01 | S. Malke de Klusma (sec. IV) |
| 07 | Sto. Evódio, 2º Patriarca de Antioquia (sec. I); [foi sucessor de S. Pedro em Antioquia]. |
| 08 | Natividade de N.Sra., a Virgem Maria (padroeira da nossa Igreja Sta. Maria / SP). |
| 14 | Encontro da Cruz pela Imperatriz Helena (sec. IV) |
| 18 | Sto. Ahodeme (sec. VI) |
| 07 | Sta. Tacla (sec I) |

Outubro

| | |
|----|---------------------------------|
| 01 | Sto. Adai e Sto. Abai |
| 07 | S. Sérgio e S. Baco |
| 12 | S. Teófilo, patriarca (sec. II) |
| 18 | S. Lucas o Evangelista |
| 23 | S. Tiago, o Apóstolo. |

